

## SUPERESPORTES

» Entrevista | **ADRIANA BEHAR** | CEO DA CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE VÔLEI

Primeira mulher a ocupar o posto defende protagonismo da modalidade no debate político e se inspira na SAF por uma "SAV"

**"Nós temos que ser líderes"**

MARCOS PAULO LIMA

**M**edalhista de prata nos Jogos Olímpicos de Sydney-2000 e de Atenas-2004, a ex-jogadora de vôlei de praia Adriana Behar é protagonista em outro time. Ela é a primeira mulher CEO da Confederação Brasileira de Vôlei (CBV) desde março do ano passado. Um dos desafios dela no mundo corporativo é rejuvenescer e modernizar a modalidade recordista de medalhas na história das participações do Brasil nos Jogos Olímpicos. São 24 no total, ao lado do judô. Em Tóquio-2020, só não houve um fracasso coletivo porque a Seleção feminina ganhou a prata na quadra. O masculino não pegou pódio e o vôlei de praia voltou de mãos abanando pela primeira

vez. Em entrevista exclusiva ao Correio, Behar avalia o desempenho, coloca o dedo em algumas feridas, mas prefere olhar para a frente e fala em renovação. Parte desse longo processo liderado por ela ocorre em Brasília neste fim de semana. O Parque da Cidade recebe o Circuito Brasileiro de Vôlei de Praia. Hoje, às 21h, a Arena BRB Nilson Nelson será palco do segundo jogo da final da Superliga Feminina entre Praia Clube e Minas. Ousada, a executiva não vê a capital do país apenas como roteiro de passagem dos eventos da CBV. Atenta aos movimentos do futebol no Congresso Nacional, ela estuda a possibilidade de algo parecido com a Sociedade Anônima do Futebol (SAF) para o vôlei. Quem sabe uma SAV. Ela fala desse e de outros temas na conversa a seguir.

**Como foi a transição do vôlei de praia para a gestão?**

Eu comecei a pensar logo o que eu faria no meu segundo momento. Voltei para o estudo logo que parei. Eu era formada em educação física e fiz pós-graduação em gestão de negócios. Quando a gente se prepara e as oportunidades aparecem, nós temos mais condição de tomar decisões.

**O trabalho no COB ajudou?**

Trabalhei no COB por sete anos na área de planejamento esportivo. Fazia a relação com todas as confederações em cima do repasse da Lei Agnelo-Piva. Era toda a preparação para os Jogos Olímpicos do Rio-2016. Não é fácil sair do ambiente de atleta para o corporativo, mas isso me deu experiência e conhecimento para aceitar o convite da CBV.

**Você assumiu como CEO em março do ano passado. Como encontrou a CBV e qual é o cenário?**

O primeiro caminho é analisar o planejamento estratégico da entidade, mesmo em um ciclo inédito e mais curto (até Paris-2024). Foram feitos ajustes não somente no resultado esportivo, mas no comercial, de imagem, mídia, engajamento, retenção de fãs e oportunidade de negócios para toda a cadeia. Isso com o respaldo de uma boa governança, transparência e ética.

**Você é a primeira mulher CEO da CBV. Mais um sinal de novos tempos?**

Além de integridade, excelência e resiliência, eu acho que valores como pertencimento e diversidade fazem parte do novo ambiente da CBV. Muito mais integrado com o mundo em que a gente vive. O desenvolvimento e resultado são a essência, mas não podemos estar alheios ao desenvolvimento humano. Temos como

saúde, ambiente e diversidade são fundamentais para a gente se aproximar do nosso público alvo.

**Quais são os desafios?**

O desafio continua, especificamente, no caso da mulher dentro da gestão. Hoje, tenho uma equipe de líderes igual em número de homens e mulheres. A gente tem que encurtar esse caminho. Opiniões diferentes são complementares. Alcançamos melhores resultados na inclusão.

**O vôlei deu 24 medalhas ao país nos Jogos Olímpicos, mas, em Tóquio-2020, rendeu apenas uma prata no vôlei de quadra feminino. Há respostas para isso?**

O vôlei tem uma referência muito forte no Brasil não só de conquistas pontuais, mas de perenidade, sustentabilidade muito grande de resultados.

**O vôlei de praia zerou...**

Pela primeira vez, na história dos Jogos Olímpicos, não trouxemos nenhuma medalha no vôlei de praia. É um ponto de atenção. Cabe uma reanálise. Esse ciclo é curto, rápido. Temos excelentes atletas, mas o cenário internacional, hoje, é muito mais forte e desafiador para o vôlei de praia brasileiro. Precisamos pensar em Paris-2024, mas ter foco no desenvolvimento, renovação, trilhar um caminho pavimentado para Los Angeles-2028.

**Faltou renovação ao vôlei de praia?**

Não posso dizer que faltou renovação. A competição é cada vez mais acirrada. Os países se estruturaram e têm duplas fortes. Ajustes têm que ser feitos. Não é normal acontecer isso com o vôlei de praia. Estamos trabalhando para que não se repita. Temos excelentes atletas, mas o foco é na

CBV/Divulgação



**"Brasília está indo muito bem. Que mais estados tenham times na Superliga C, B... Longo prazo traz parcerias perenes"**

performance, independentemente da idade. Eu conquistei medalha com 34 para 35 anos. O foco é o resultado sendo convertido em medalhas. A meta da CBV para Jogos Olímpicos e competições internacionais é pódio.

**A rota está sendo corrigida?**

O primeiro estudo foi entender o campeonato nacional. Essa competição é não somente o desenvolvimento do vôlei de praia no Brasil, mas a trilha e a plataforma para a formação de campeões. Tentamos avaliar o comportamento da modalidade nos últimos ciclos. A proposta de um novo modelo de competição foi um caminho fundamental para focar na performance e no desenvolvimento em longo prazo.

**De forma prática...**

Damos oportunidade para jovens terem jogos mais equilibrados. Quem vem do qualifying, com um nível esportivo teoricamente menor, deixa de enfrentar logo de cara o primeiro do ranking. A chance de essa dupla ganhar o jogo era mínima. Quan-

do você passa para um segundo jogo de meio de tabela, aumenta a possibilidade de vitória. Só se faz desenvolvimento esportivo com jogo. É o caminho para o salto de qualidade. Esse foi o modelo para fazermos a competição de Top 8 e Torneio Aberto no vôlei de praia. Todos os estudos mostraram que, nos últimos anos, as duplas que ganhavam o Circuito Nacional, obrigatoriamente, estavam entre os oito. Não havia acesso a quem estava abaixo disso, de ser campeão na etapa nacional.

**O DF tem times de desenvolvimento nas Superligas feminina e masculina? Como manter esses projetos?**

Com parcerias, projeto de longo prazo. Esse é o desafio. Do contrário, você fica sempre no risco de o projeto acabar. O longo prazo gera receita, valor no seu local. A cidade é que vai suportar o desenvolvimento. Esse é o caminho para alcançar algo mais sustentável.

**A ausência em playoffs deixa o projeto em xeque?**

É muito difícil pensar ano a ano. Brasília está indo muito bem. Eu estimo que mais estados possam começar a ter seus clubes em uma Superliga C, B... Faz parte do desenvolvimento. O longo prazo traz parcerias perenes.

**Há prazo para o sucesso?**

Para se tornar maduro o suficiente, o atleta precisa de dois ciclos. Os projetos necessitam ser

mais focados em longo prazo não somente na quadra, mas, também, nas duplas. É o que vivenciei com a Shelda. A nossa parceria durou 12 anos. Se não for a mais longa, é uma delas.

**As trocas de duplas atrapalham o desempenho?**

Perde a identificação da dupla, do ídolo. Perde o programa. O planejamento tem momentos de alto e baixo, mas se o foco está claro, bem traçado, o resultado vem.

**O vôlei feminino voltou com a prata. O masculino não pegou pódio. Frustrou?**

As duas seleções vieram da Liga das Nações alguns meses antes dos Jogos Olímpicos com conquistas fantásticas. O jogo, em si, não pode desmerecer o trabalho de um ciclo. Do outro lado, há atletas e profissionais competentes. Nosso foco está no desenvolvimento para termos uma renovação planejada e garantirmos sempre a medalha.

**Tóquio deixou o foco na quadra ou na areia?**

A CBV foca tanto no desenvolvimento interno quanto na preparação das duplas para as competições internacionais. É o nosso modelo. Outros países focam nas etapas mundiais. Na quadra, temos o suporte para as seleções. O foco, hoje, está na base. Não podemos olhar apenas para 2024, mas, também, para 2028 e 2032.

**A saúde mental dos atletas está na pauta da CBV?**

Temos um trabalho em par-

ceria com o COB. Equipes multidisciplinares e dessa parte da psicologia ou comportamental. Há muitas interferências externas que atrapalham o desenvolvimento esportivo. Temos um olhar muito cuidadoso para a saúde física e mental dos atletas para protegê-los. O desenvolvimento esportivo precisa caminhar com o humano. Trabalhamos com pessoas.

**Como está a relação entre a CBV e o Banco do Brasil?**

É um parceiraço. Completamos 30 anos. É um case de sucesso não somente no esporte, mas em qualquer outro ambiente. Estamos felizes não somente com o que a gente tem, mas reforçamos que o Banco do Brasil está totalmente alinhado com a gente em um caminho próspero.

**O futebol ganhou a SAF. O vôlei merece uma "SAV"?**

Estamos estudando isso, hein?! A SAF é voltada para o futebol, mas a gente tem estudado isso. A CBV, como segunda modalidade do país, tem que ser líder em temas que possam impactar o esporte. Temos estudado algo que possa se encaixar e faça sentido ao esporte olímpico. A gente tem que abrir caminhos para propor.

**Você foi de atleta a gestora. Pensa em uma cadeira no Congresso?**

Não penso nisso, mas acho importante, sim, participar. São movimentos importantes. O esporte tem que ser trabalhado dentro de um ambiente maior.

## LIBERTADORES

**Fla vence e Bruno Henrique deixa Gabigol perto do topo**

DANILO QUEIROZ

O Flamengo deu mais um passo na direção da classificação para as oitavas da Libertadores. Ontem, o rubro-negro carioca venceu a Universidad Católica, por 3 x 2, no Chile e manteve os 100% de aproveitamento no grupo H. Autor de dois gols rubro-negros na partida, Gabigol se isolou no segundo lugar dos maiores goleadores brasileiros no torneio e se aproximou da primeira posição na lista. Lázaro fechou o marcador.

Dupla ideal de Gabi na geração campeã da Libertadores e bicampeã brasileira, Bruno Henrique também teve atuação de destaque. O camisa 27 deu as assistências para as duas bolas na rede do número nove que, agora, soma 26 gols (25 pelo Flamengo e um pelo

Santos) no torneio e está somente três atrás do aposentado Luizão, ex-Vasco, Corinthians, Grêmio e São Paulo. Ontem, o atacante rubro-negro deixou para trás Palthinha e Fred, ambos com 25.

Em campo, o Flamengo sofreu muito mais com vacilos próprios do que com os adversários chilenos. O gol da Católica, por exemplo, foi contra de Isla. O rival quase virou quando Arão escorregou, mas Zampedri chutou para fora. O rubro-negro protagonizou os melhores lances do primeiro tempo. Além das duas bolas na rede, Gabi perdeu uma oportunidade clara. Arrascaeta também desperdiçou uma boa chance.

O segundo tempo foi mais aberto com trocação entre as equipes. Flamengo e Universidad Católica tiveram muitas chan-

Gilvan de Souza/Flamengo

**Com dois gols, atacante virou o segundo maior goleador brasileiro**

ces de marcar. O rubro-negro não aproveitou com Gabi (duas vezes), enquanto os chilenos erraram com Galani e Fuenzalida, em dois chutes, um deles na trave. No fim, Lázaro recebeu bom passe de Marinho e garantiu os três pontos para a conta rubro-negra. Nem mesmo um outro gol contra, agora de Pablo, impediu a vitória.

"Jogo muito difícil. Conseguimos jogar bem em um campo complicado e uma viagem longa. Nos preparamos muito bem e conseguimos fazer uma grande partida. Muito feliz pelos gols, com a ajuda do Bruno Henrique e de todo time. Uma grande vitória que é muito importante", analisou Gabi.

## FÓRMULA 1

O frustrante 13º lugar de Lewis Hamilton no GP de Emilia Romagna não vai acontecer mais por causa de desempenho do carro da Mercedes. Ao menos é isso o que Andrew Shovlin, diretor de engenharia da escuderia promete. A confiança é em evolução a partir do próximo Grande Prêmio, dia 8 de maio, em Miami.

## FLUMINENSE

A quarta passagem de Abel Braga no comando do Fluminense terminou com pouco mais de quatro meses de trabalho. O treinador pediu demissão do clube, ontem, e já não dirige a equipe diante do Coritiba, domingo, no Couto Pereira, pela Série A do Campeonato Brasileiro. Marcão assume interinamente.

## SUL-AMERICANA

Longe de casa, o São Paulo jogou bem e venceu o Jorge Wilstermann, por 3 x 1, na Bolívia. Os gols marcados por Igor Gomes, Reinaldo e Marquinhos mantiveram Rogério Ceni e seus comandados na liderança isolada do Grupo D da Sul-Americana. No Chile, o Santos empatou com o Unión La Calera, por 1 x 1.

## LIVERPOOL

Um dia depois da vitória sobre o Villarreal no jogo de ida das semifinais da Liga dos Campeões da Europa, o técnico do Liverpool, Jürgen Klopp, anunciou, ontem, a ampliação de seu contrato com os Reds até 2026. "Neste clube, há frescor e isso me dá mais energia", disse o alemão.